

O Homoerotismo na arte moderna baiana: Carlos Bastos

Luiz Alberto Ribeiro Freire, Bolsista CNPq 2 - EBA/UFBA

O preconceito da sociedade baiana relegou ao esquecimento um capítulo importante da história da arte brasileira, o homoerotismo na obra e na postura de dos pioneiros da arte moderna baiana: Carlos Bastos e Pierre Verger. Desde as primeiras exposições que as figuras de Bastos recebem um tratamento sensualista, vivo, animado com grande valorização dos corpos nus, ou seminus, e, principalmente da musculatura dos personagens masculinos, o que lhe rendeu críticas dos católicos conservadores. O caráter homoerótico de sua arte se manifesta nos personagens secundários e às vezes se concentra no tema principal, sobretudo nos seus desenhos de circulação restrita. Esse artigo analisa e dimensiona o homoerotismo na sua obra.

Palavras-chave: homoerotismo; arte; Bahia; Carlos Bastos; modernismo

*

The prejudice in Bahian society relegated to oblivion an important chapter in the history of Brazilian art, the homoeroticism in the work and posture of the pioneers of modern Bahian art: Carlos Bastos and Pierre Verger. From the earliest exhibitions, Bastos's figures received a lively, sensualistic treatment with great appreciation of the naked or semi-naked bodies, and especially of the musculature of the male characters, which earned him criticism from conservative Catholics. The homoerotic character of his art is manifested in the secondary characters and is sometimes concentrated in the main theme, especially in his drawings of restricted circulation. This article analyzes and dimensions the homoeroticism in his work.

Keywords: homoeroticism; art; Bahia; Carlos Bastos; modernism

O preconceito e a hipocrisia da sociedade baiana relegaram ao esquecimento um capítulo importante da História das artes visuais no modernismo, o homoerotismo na obra e na postura de importantes artistas, pioneiros da arte moderna da Bahia, a exemplo de Carlos Bastos e Pierre Verger.

Dos artistas que expressaram o erotismo homossexual, Carlos Bastos foi o que expôs naturalmente sua sexualidade, e o fez em um tempo que esse gesto era raro, principalmente nos integrantes de uma classe média alta.

Carlos Frederico Bastos era soteropolitano do bairro do Rio Vermelho, onde nasceu em 12 de dezembro de 1925. Um ano depois foi viver na casa dos avós, no mesmo bairro¹. Pertencia a uma família de classe média alta, seu pai era comerciante, que lhe proporcionou estudos em escolas particulares, onde destacava-se no domínio do desenho.

Em 1944 ingressou na Escola de Belas Artes da Bahia. “Viajou em 1946 para o Rio de Janeiro, onde frequentou a Sociedade Brasileira de Belas Artes e a Fundação Getúlio Vargas, estudando com Iberê Camargo, Carlos Oswald e Santa Rosa”². Não há contudo, vínculos formais objetivos entre a arte desses mestres e a obra de Bastos.

No Rio expôs na Associação Brasileira de Imprensa em 1946, cujos trabalhos obtiveram a primeira crítica favorável, em que já ficou evidente o caráter homoerótico na representação da figura masculina. Como podemos verificar no comentário de Ramiro Gonçalves na Revista Nação Brasileira:

Agradam, sobretudo, pela desenvoltura das linhas em que se movem, os bailarinos, muitos deles alentados, possantes, com físicos inadequados às funções que exercem. Parece que o pintor reforça-os, para tirar melhor partido no desenho, o que consegue.³

Na sua primeira exposição individual, realizada no Salão da Biblioteca Pública da Bahia, em Salvador, em março de 1947, experimentou a reação indignada de uma senhora, que, em voz alta, afirmou ser a exposição “uma afronta às artes, uma imoralidade, uma indecência”⁴.

Nesse mesmo ano, partiu para os EUA, a convite de Mário Cravo Junior. Estabeleceu-se em Nova York, onde frequentou a Art Student League, estudando com o pintor muralista Harry Stenberg e obtendo aulas particulares com Nicolai Abracheff. Nenhum deles imprimiam caráter sensualista ou erótico nas suas pinturas, mas Stenberg desenvolveu a pintura mural, o que deve ter influenciado Bastos na prática dessa modalidade, sem esquecer que na Bahia das décadas de 1980 a 1960 houve um enorme patrocínio do governo estadual, das instituições

¹ BASTOS, Carlos. Carlos Bastos. Rio de Janeiro, 2000. 230 p. il. p. 28.

² Idem. p. 30.

³ Idem. p. 32.

⁴ Idem. p. 32.

financeiras e da construção civil para as encomendas de murais aos artistas modernistas.

Retornou à Bahia em 1949, onde realizou sua segunda exposição individual, que suscitou críticas favoráveis e reações escandalosas. Bastos nunca abandonou a figuração, se aproximou do surrealismo em uma interpretação em que os mitos da cultura afro-baiana ganham lugar nas composições e afirmam essas heranças rechaçadas.

Sobre as obras exibidas, Motta e Silva percebeu o caráter subversivo e erótico dos personagens criados por Bastos:

A sua pintura, realizada com espírito descuidado do cotidiano e sem preconceitos políticos e morais...

Sensual, freudianamente sensual, nos temas, nas formas e nas cores, Carlos Bastos inverte sem piedade os valores de uma precária moral burguesa e faz chegar até nós, vindos das distâncias dos instintos, anjos assexuados, portadores de estranhas mensagens, e também os multissexuados dos insondáveis mundos obscuros das almas inquietas.⁵

Independente do sexo, todas as suas figuras receberam um tratamento sensualista, vivo, animado com grande valorização dos corpos nus, ou seminus, e, principalmente, o vigor da musculatura dos robustos personagens masculinos. Em muitos casos, a expressão do homoerotismo aparece nas personagens secundárias, que cercam a personagem principal, em outras, se torna o próprio tema da pintura.

Não era raro o artista colocar em torno do tema principal, que poderia ser um retrato de uma personalidade, ou de uma figura da sociedade, grupos de figuras masculinas nuas, ou seminuas com abordagem claramente sensualista.

A esse sensualismo presente na exposição de 49, os católicos reagiram no Jornal Semana Católica, intitulando “Exposição do alcoice”:

Dos pintores nacionais e estrangeiros que ultimamente têm exibido quadros aqui na Bahia, nenhum teve a infeliz idéia de afrontar as tradições de honra do nosso público como o Sr. Carlos Bastos.

Sob o patrocínio de *Cadernos da Bahia*, esse conterrâneo esquecido dos forais de sua terra expõe, há dias, entre nós, quadros onde o que somente aparece é a derivação mórbida do mais torpe sensualismo.

Veio, nessa hora de tanto significado para nossos tesouros religiosos de arte, ciência e história, deslustra-los com a pequenez doentia de sua paleta satânica.

A Bahia culta e católica repele o insulto, entre outros, daquele imoralíssimo quadro a que intitulou *Figuras*.⁶

⁵ Idem. p. 38.

⁶ Idem. p. 40.



Figura 1- Retrato de Carlos Bastos ao lado de sua pintura *Figuras*, exposta em 1949, na sua primeira exposição individual na Bahia. Com dedicatória ao crítico de arte Wilson Rocha datada de 1947. Fotografia do acervo do Centro Cultural do Desenbanco, Biblioteca José Pedreira, Museu de Arte da Bahia, Salvador.

Esse protesto não ficou na palavra escrita, um indivíduo não identificado “rasgou a gilete uma das telas expostas e tentou inutilizar uma outra”, ato que foi rechaçado no Jornal A Tarde de 23 de fevereiro de 1949:

... Se a alguém a arte de Carlos Bastos causa espécie, deve esse alguém respeitá-la, do mesmo jeito que respeitamos o patrimônio artístico que nos legou o passado. Se há, nos seus quadros, algo que se possa considerar subversão, ou inversão de valores, isso significa que o artista enxerga o mundo em que vive e o interpreta de modo particular, diferente do homem comum. Mas ao homem comum, se não se exige a perfeita ou relativa compreensão do artista e de sua obra, exige-se que respeite a ambos - obra e artista -, como dever que não pode recusar.⁷

O jornal *Estado da Bahia* e a *Associação Brasileira de Escritores* se manifestaram contra o ataque e críticas de José Valladares publicada no *Diário de Notícias* e de Walter da Silveira no *Cadernos da Bahia*.⁸ A primeira geração de artistas modernistas, contaram na Bahia com o apoio de um ambiente intelectual e cultural favorável a suas propostas artísticas, o que estimulou a continuidade da modernização das artes.

Roger Bastide publicou um artigo no jornal *A Tarde* intitulado *Um jovem pintor da Bahia*, não medindo palavras para definir a poética de Bastos. Para Bastide:

⁷ Idem. p. 41.

⁸ Idem. p. 43.

O que impressiona o espectador, antes de mais nada, é a sensualidade que não é, como no expressionismo alemão, por exemplo, uma revolta contra a moral burguesa, mas que é espontânea, natural. Sensualidade da cor, que o leva a não temer o decorativismo, seja nos conjuntos de tapetes, nos vestidos floridos de suas baianas ou nos pratos azulados que servem de fundo a várias de suas telas e a seus acrobatas e dançarinos e que são uma forma moderna do azulejo colonial. Sensualidade também sexual, amor dos corpos, da carne nua: suas figuras se enlaçam, se interpenetram, seus personagens respiram langor, a *ternura masculina ou o abandono voluptuoso da mulher*.(destaque nosso)

É sob esse aspecto que a Bahia deixa de ser um tema para tornar-se uma sensibilidade. (...) Não há mais fronteiras nem limites conceituais para destrincar o caos lírico. O divino e o humano, o pagão e o cristão, o masculino e o feminino se confundem.

Do mesmo modo, Carlos Bastos introduz em seus grupos de famílias burguesas, diante da ronda cotidiana das mulheres, um homem estranhamente nu, e faz penetrar, nos salões, anjos assexuados e multissexuados, cujas asas, às vezes, não cresceram inteiramente. A sensualidade meio turva de Carlos Bastos o faz entrar no domínio do mistério. Um mistério no qual o demoníaco atinge a uma pureza de linhas admirável. Mas que, às vezes, se contenta também com um mero símbolo, apelo do desconhecido numa tela naturalista: uma tartaruga mágica, por exemplo, ou um gato lascivo. ...⁹

Bastide alcançou muito bem as provocações visuais e tangentes de Bastos, assim como identificou a abordagem sensualista tipicamente do pintor, sobretudo a masculina que definiu como *ternura masculina*, percebeu também sua estratégia de revolução pelo nu e pelo erotismo. Mas o pintor não se satisfaz com essa abordagem acessória, em várias ocasiões ele fez do erotismo masculino o tema principal de sua pintura, mesmo quando as obras eram murais públicos, localizados em clubes sociais frequentados pela burguesia baiana.

O exemplo mais significativo ele pintou em 1952 para a Associação Atlética da Bahia, clube social localizado no glamoroso bairro da Barra. O mural em óleo sobre tela exhibe um grupo de jovens em um *deck* flutuando na piscina, homens e mulheres, mas um se destaca por está de costas, saindo da água, com uma anatomia robusta e bunda bastante roliça.

Em outra parte do mural um jovem bonito e vigoroso flutua em uma boia com suas pernas pintadas em escorço, que direciona o olhar para a genitália, cuja presença se afirma na ausência. O mural foi destruído, mas se ainda existisse, provavelmente o teriam emparedado, ou encoberto de plantas ou móveis, pois facilmente seria rotulado de incentivo a pedofilia.

⁹ Idem, *ibidem*. p. 47.

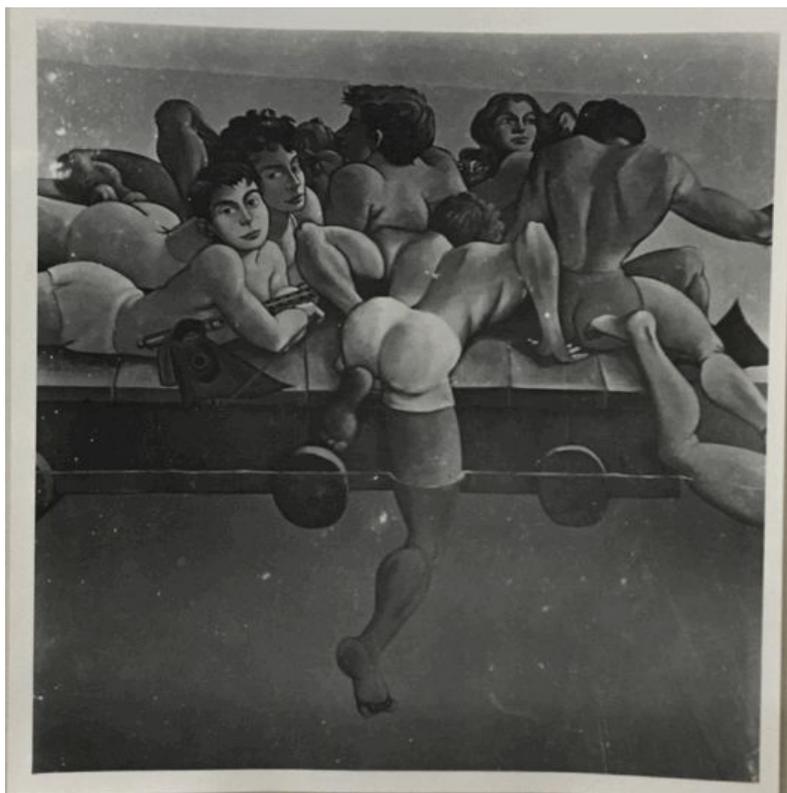


Figura 2 e 3 – Carlos Bastos. “Flutuadores”, 1952, mural (destruído), óleo, Associação Atlética da Bahia. Fotografia do acervo do Centro Cultural do Desenbanco, Biblioteca José Pedreira, Museu de Arte da Bahia, Salvador.

Um mural à óleo pintado em 1953 *Cortejo (Enterro) de São Sebastião* nos leva a crer que Bastos teve contato com o ativismo gay nos EUA, na Europa, no Rio de Janeiro ou com alguma obra literária ou artística acerca da homossexualidade de

São Sebastião, ou que o abordava como padroeiro dos gays, embora esse patronato só tenha alcançado repercussão em 1976 através do filme “*Sebastiane* do diretor britânico Derek Jarman (1942-1994), que causou polêmica em seu tratamento do mártir como um ícone homossexual”¹⁰

No *Cortejo* de Bastos o corpo nu do santo é carregado pelos homens da primeira corte do exército romano que comandava. O santo é apresentado nu em escorço, abraçado por um dos seus homens. Os demais, também nus, se exibem em posições diferenciadas e contorcidas, de modo a expor suas musculaturas definidas, acentuada virilidade, jovialidade e beleza. Poucas são as personagens femininas, uma delas, certamente representa

Santa Lúcia, responsável por levar os soldados até o lugar em que o corpo do santo jazia, conduzindo-o a catacumba de Roma, perto dos restos dos apóstolos de Cristo, como determinou o santo na mencionada aparição.¹¹

A fotografia que restou desse mural com rara abordagem da vida de São Sebastião, não o revela completamente, mas o suficiente para observarmos a potência homoerótica das formas e da composição. O mural foi destruído, não sabemos em que circunstâncias, a fotografia que temos o localiza atrás de um sofá no atelier do artista à Rua Ronald de Carvalho, 54/802, no Rio de Janeiro.



Figura 4: Carlos Bastos, O Cortejo de São Sebastião, 1953. Fotografia do acervo do Centro Cultural do Desenbanco, Biblioteca José Pedreira, Museu de Arte da Bahia, Salvador.

¹⁰ São Sebastião é escolhido como Ícone GAY!!! In Posted by: homofobiabasta on: 9 de junho de 2011. Acesso em 15/09/2018, as 13:20 h. Disponível em:

<https://homofobiabasta.wordpress.com/2011/06/09/sao-sebastiao-e-escolhido-como-icone-gay/>

¹¹ VARAZZE, Jacopo de. *Legenda áurea vidas de santos*. Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 181.

O Cortejo não foi a única obra em que tratou do santo, realizou pinturas seguindo a iconografia tradicional para o Mosteiro de São Bento da Bahia, do qual São Sebastião é padroeiro, por encomenda do ilustre monge, doutor e historiador da arte Dom Clemente Maria da Silva Nigra (17.07.1903, Schonach-Triberg-Grand Ducado de Baden – Sacra Família do Tinguá, Rio de Janeiro, 01.07.1987)¹², fundador do Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia.

Uma das pinturas exhibe o corpo do santo crivado de flechas, amarrado a uma ruína romana em que aparece a parte inferior de uma coluna e início do arco, na frente dos arqueiros, seus algozes, tendo ao fundo campos cultivados, montanha e rio. Seria uma iconografia comum, se o artista não tivesse explicitado a genitália do santo, com fartos pelos pubianos, falo com fimose e uma das flechas cravada na virilha.



Figura 5 e 6: Carlos Bastos, São Sebastião martirizado, óleo..., Mosteiro de São Bento da Bahia, década de 1960. Fotografia de Cláudia Guanais.

¹² O arquiteto Francisco Portugal Guimarães gentilmente me informou sobre a existência dessas pinturas, da encomenda realizada por Dom Clemente Nigra e do restauro que nelas realizou Selma Danemann. A ele agradeço o acesso a fotografias e a notícia.

Na outra pintura o santo é apresentado de pé, sem as flechas, mas com as chagas por elas provocadas, com o braço direito sobre a testa, boca entreaberta e soldados nus aos seus pés. A paisagem do fundo é formada por arbusto, parapeito, montanhas e nuvens. Decerto uma alusão à devoção medieval que rogava ao santo pela cura de males, doenças e epidemias. A julgar pelos danos causados a essa pintura, Bastos pintou com clareza a genitália do santo e de um dos soldados.



Figura 7: Carlos Bastos, São Sebastião com as chagas, óleo..., Mosteiro de São Bento da Bahia, década de 1960. Fotografia de Claudia Guanais.

As duas pinturas foram repintadas na altura dos quadris do santo, cobrindo o pênis com o pano da pureza. Na primeira, após a retirada parcial do pano pintado, pode-se ver com clareza o membro sexual, na outra vê-se pouco o membro do santo e menos ainda o do soldado agachado.

Não temos notícias da história dessas pinturas no ambiente do mosteiro. A julgar pelas interferências, elas sofreram censura em algum tempo, assim como os nus do *Juízo Final* de Miguel Ângelo. Essa censura pode ter ocorrido na mesma época da encomenda, ou em anos posteriores, afinal a mentalidade de Dom Clemente Nigra não se reproduzia em toda a comunidade beneditina, podendo também ter havido críticas da comunidade eclesiástica, ou mesmo dos fiéis, se é que essas pinturas algum dia estiveram ao alcance dos olhos do público. Atualmente

encontram-se em um dos cômodos do mosteiro destinado a peças danificadas, uma espécie de quarto de despejos.¹³

Os desenhos de circulação restrita

Houaiss define homoerotismo¹⁴ como a “relação erótica, sem ser necessariamente sexual e genital, entre pessoas do mesmo sexo”. A obra de Bastos explora todas as formas de homoerotismo, entretanto, a mais sexual delas, àquela que pejorativamente denominada de pornográfica, foi reservada a um público distinto.

À margem da sensualidade constante e do homoerotismo tangencial, Carlos Bastos expressou o erotismo homossexual o mais explícito e pleno em desenhos de circulação muito restrita.

A coleção que pudemos conhecer, foi realizada em forma de álbum para um empresário carioca apreciador de seu trabalho. Hoje, o álbum pertence ao artista e curador Emanuel Araújo, que gentilmente reproduziu e nos cedeu as imagens. Seleccionamos catorze desenhos a nanquim sobre papel, sem data, que tratam de práticas homossexuais, de sexo realizado entre homens, deixando claro, em alguns deles, a homoafetividade, relação que passou a ser explicitada publicamente no Brasil a partir da geração dos pioneiros do ativismo gay, entre 1960 e 70.

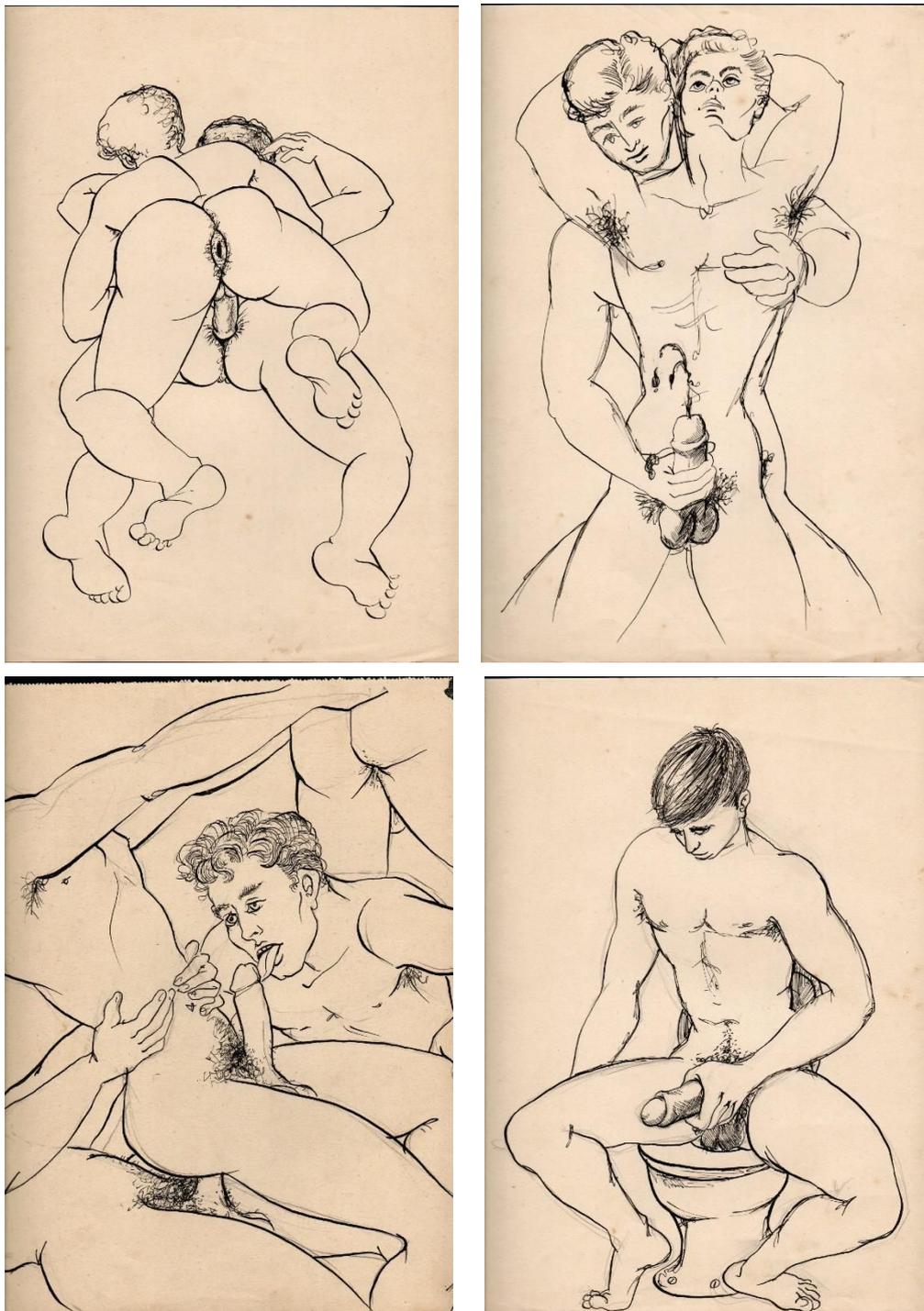
Os temas se definem a partir de várias possibilidades do sexo, constituindo em um Kama Sutra homoerótico, assim identificados: Suruba com felação; Masturbação com gozo, no vaso sanitário; Suruba com penetração e felação; Penetração e gozo; Felação juvenil; Suruba no sanitário com penetração e masturbação; penetração sobre banco e abelha; Gozo do penetrado com masturbação; Felação na cama; Preliminares com *pegação*; Penetração de costas; Penetração de cócoras com gozo; Felação sentado na cama; Masturbação sentado no vaso sanitário.

As cenas desenhadas nos indicam uma postura desassombrada em relação ao sexo entre homens e vai mais além, abordando a afetividade entre machos, aspecto que ainda hoje impacta a sociedade, acostumada a pensar na relação entre homens, no plano exclusivamente sexual, como ato bestial e impulsivo, próprio da puberdade. Bastos apresenta corpos que se abraçam, mãos que afagam, pernas que se cruzam, cabeças que se unem por abraço, parceiros promovendo o gozo do outro, contato mútuo com o pênis, gozo simultâneo com inteiro contato físico, figuras que se querem, que se atraem, que se desejam e

¹³ Francisco Portugal Guimarães e Claudia Guanais estiveram recentemente no Mosteiro de São Bento da Bahia, viram, fotografaram e me cederam as imagens.

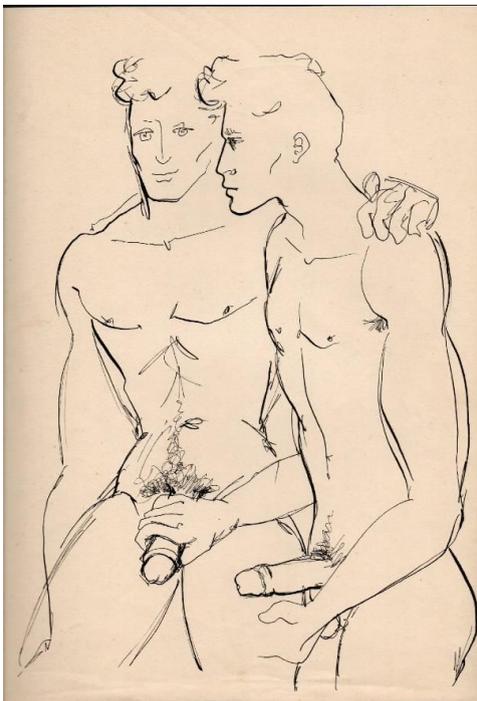
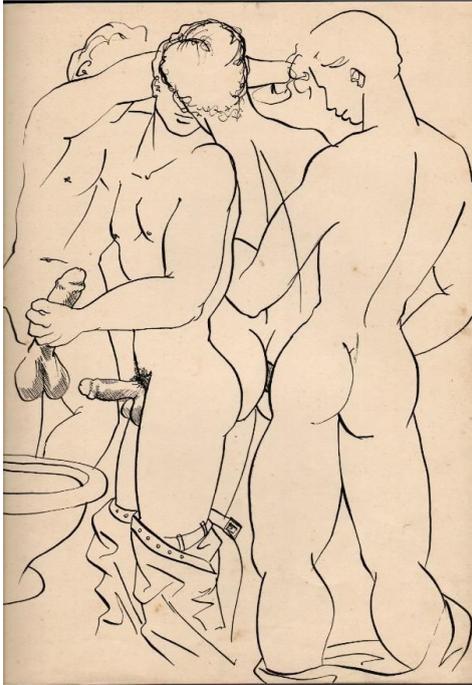
¹⁴ “Homoerotismo.” Def. 1. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 2009. Print.

que atingem o máximo de prazer conjuntamente, sem qualquer hierarquia, limitação e a tradicional definição de papéis entre ativos e passivos.



Figuras 8, 9, 10 e 11: Carlos Bastos. Desenhos homoeróticos, nanquim sobre papel. Coleção Emanuel Araújo.

O artista faz questão de mostrar no desenho do ânus, que aquele que está penetrando, acabou de ser penetrado. As cenas de surubas são dinâmicas e incluem felações e penetrações, ou somente felações.



Figuras 12, 13, 14 e 15: Carlos Bastos. Desenhos homoeróticos, nanquim sobre papel. Coleção Emanuel Araújo.

O sexo solitário, apesar de escondido, realizado no sanitário, é feito sem culpa. O artista cuida de colocar elementos que situem algumas cenas, nos ambientes clandestinos e escondidos, onde os encontros sexuais entre homens se realizavam nas décadas de 1950 a 1980. Dessa forma, temos conjugações que se consomem em estrados, em quartos com penicos e suruba em sanitário. Por vezes, brinca com o despudor colocando uma abelha voando sobre a glândula à espera do néctar da ejaculação.

Todo esse despudor atesta a maneira natural com a qual o artista lidava com a sua sexualidade e se colocava na sociedade. Personalidade elegante, educada, intelectual, querida e requisitada, impunha o seu modo de vida sem estardalhaço. Todos sabiam de sua sexualidade e da relação que tinha com Altamir Galimbert, marido e empresário por mais de trinta anos, que circulava em todos os meios sociais¹⁵, e que foi tema de muitas das suas pinturas.

O modo de estar no mundo de Bastos foi levado com a mesma suavidade e elegância para as pinturas e desenhos públicos, ousando, por vezes, quando afirmou com mais veemência o caráter erótico e homoerótico, e bastante destemido nas obras para fruição privada. Postura diferenciada, em épocas muito difíceis, em que alguns dos artistas, seus contemporâneos, camuflavam a sexualidade com casamentos heterossexuais de conveniência, prática clandestina da homossexualidade e, às vezes, tinham que mudar de cidade para terem vida mais livre, fora do controle familiar.

A presença da arte erótica e homoerótica de Bastos na primeira geração de artistas da vanguarda baiana garantiu um tom singular as revoluções plásticas propostas, constituindo em um diferencial até aqui inefável, olvidado, que pretendemos reparar com esse artigo, cujos elementos para a sua escrita se devem aos intelectuais amigos, cúmplices da construção de uma história da arte para além do oficialmente permitido, aos quais agradeço imensamente.

Referências

BASTOS, Carlos. Carlos Bastos. Rio de Janeiro, 2000. 230 p. il. p. 28.

HOUAISS, Antônio e Mauro de Salles Villar. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

São Sebastião é escolhido como Ícone GAY!!! In Posted by: homofobiabasta on: 9 de junho de 2011. Acesso em 15/09/2018, as 13:20 h. Disponível: <em: <https://homofobiabasta.wordpress.com/2011/06/09/sao-sebastiao-e-escolhido-como-icone-gay/>>

SILVA, Sérgio Veloso. Entrevista I [setembro. 2018]. Entrevistador: Luiz Alberto Ribeiro Freire. Salvador, 2018. 1 arquivo mp3 (25:53 m).

VARAZZE, Jacopo de. Legenda áurea vidas de santos. Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 181.

¹⁵ SILVA, Sérgio Veloso. Entrevista I [setembro. 2018]. Entrevistador: Luiz Alberto Ribeiro Freire. Salvador, 2018. 1 arquivo mp3 (25:53 m).